

## Os oásis da Caatinga

Parecem pedaços da Amazônia ou da Mata Atlântica no meio da Caatinga. Pedacinhos cada vez menores: já desapareceram quase 90% da área ocupada por essas ilhas de floresta, os brejos de altitude, dos quais restam 2,5 mil quilômetros quadrados. “Ainda que encontrados mais comumente de forma fragmentada, em propriedades privadas, os brejos de altitude constituem-se em áreas prioritárias para o estabelecimento de unidades de conservação, especialmente de potencial integral e, preferencialmente, com um planejamento integrado”, alerta a engenheira florestal Verônica Theulen, em um dos capítulos do livro *Brejos de altitude em Pernambuco e Paraíba – História natural, ecologia e conservação*, editado pelo Ministério do Meio Ambiente e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Organizada por Kátia Pôrto,

JOSÉ AVES DA SIQUEIRA FILHO/UFPE



Mata do Bitury, a 200 km de Recife: típico brejo de altitude, com algumas aves exclusivas



SÔNIA RODA

Espanta-raposa e pintor-verdadeiro



SÔNIA RODA

Tatac



SÔNIA RODA

Verdelim

Jaime Cabral e Marcelo Tabarelli, da UFPE, a obra detalha a riqueza biológica desses ambientes e os perigos por que passam. Os 43 brejos pontuam terrenos altos, como os das chapadas da Borborema e Ibiapaba,

recebem chuvas abundantes e abrigam espécies únicas de plantas e animais, além de algumas encontradas também na Amazônia e nas matas do sul. Tabarelli teme que esses oásis do Nordeste possam desapare-

cer em poucos anos caso uma política de conservação não seja implantada. As condições privilegiadas de umidade fazem dos brejos espaços disputados para a criação de gado e plantações de café, banana e milho. •

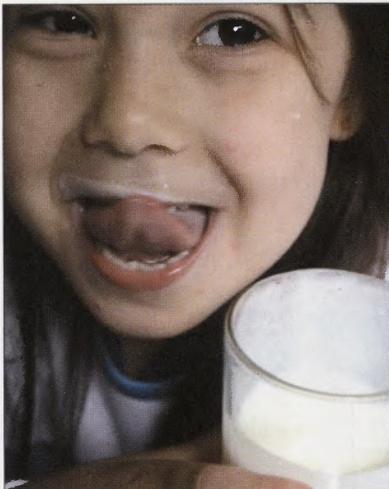
### ■ Metade das crianças com anemia

Quase metade das crianças brasileiras com idade entre 6 meses e 5 anos tem a forma mais comum de anemia – a anemia ferropriva, causada pela redução da quantidade de hemoglobina no sangue em decorrência da deficiência de ferro –, concluíram Renata Levy-Costa, do Instituto de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde de São Pau-

lo, e Carlos Augusto Monteiro, da Universidade de São Paulo. Das 584 crianças examinadas, todas da cidade de São Paulo, 45% estavam com anemia. Esse índice chega a 71% entre meninos e meninas com menos de 1 ano, quando o crescimento é acelerado e a necessidade de ferro, maior. Um dos fatores que contribuíram para esse resultado foi o elevado consumo de leite de vaca, em geral um dos principais ingredientes

da dieta infantil após a fase de aleitamento materno. De acordo com esse estudo, publicado na *Revista de Saúde Pública*, o leite de vaca corresponde em média a pouco mais de um quinto (22%) das calorias ingeridas diariamente por garotos e garotas. O problema é que o leite de vaca – natural, pasteurizado, longa-vida ou em pó – contém apenas um quarto da taxa de ferro necessária ao organismo infantil. Ainda

assim, a maior parte do ferro do leite de vaca não é absorvida pelo organismo humano. “Até o quarto mês, a criança utiliza o ferro que acumulou no fígado durante a gestação”, diz Renata. “Depois tem de extrair dos alimentos que consome.” Os elevados índices de anemia infantil não são problema exclusivo de São Paulo. Estudos realizados em Salvador, Recife, Porto Alegre e Criciúma exibiram resultados seme-



O leite das crianças: é essencial, sim, mas não deve ser a principal fonte de ferro

lhantes. “Esses dados não significam que as crianças devam tomar menos leite, que é uma fonte importante do cálcio necessário ao desenvolvimento dos ossos”, diz Renata. Uma alternativa recomendada pela Organização Mundial da Saúde é a ingestão do leite bem antes ou muito depois das refeições principais para não interferir na absorção do ferro de outros alimentos. Há outras medidas, como não substituir as refeições principais pelo leite e, durante o almoço ou jantar,

beber sucos de frutas mais ácidas, como a laranja, que facilita a absorção do ferro. Diante da elevada frequência de anemia, o governo brasileiro publicou em 2003 uma portaria que determina o acréscimo de ferro à farinha de trigo e de milho. Se falta ferro, falta hemoglobina, a molécula que transporta oxigênio pelo corpo. A escassez de oxigênio pode prejudicar o desenvolvimento físico e mental, principalmente na infância, além de reduzir a resistência a doenças infecciosas. •

## Um anel onde os átomos colidem

Pesquisadores do Instituto de Física de São Carlos (IFSC), da Universidade de São Paulo (USP), criaram o Atomotron, uma armadilha de átomos resfriados formada por um anel gasoso com milhões de partículas frias de rubídio que se movem muito lentamente, em fila. De maneira controlada, cada átomo se choca contra a partícula se-

direção tangente ao anel. “Em outros tipos de armadilha, os encontros entre os átomos acontecem de todas as maneiras possíveis”, explica o físico Vanderlei Salvador Bagnato, pesquisador da USP de São Carlos e coordenador dos experimentos com o anel de rubídio. “Em aprisionamento de átomos convencionais, não é possível estudar efeitos associados aos ângulos de colisão”, diz Luis Marcassa, do IFSC. O anel de átomos frios,

IFSC / USP



Atomotron: o menor colisor de partículas do mundo, com 0,5 milímetro de raio

guinte. No interior do anel, produzido pela ação de um campo magnético e de lasers que incidem sobre a nuvem de rubídio, todos os esbarrões entre os átomos apresentam o mesmo eixo de colisão. Os choques sempre ocorrem na

cuja temperatura se aproxima do zero absoluto, apresenta raio de cerca de 0,5 milímetro. Segundo Bagnato, o Atomotron é o menor colisor de partículas do mundo e o que funciona com menos energia. •

## O escorpião translúcido

Mais uma razão para manter os olhos abertos ao entrar em uma caverna. Há um escorpião que só vive nesses lugares escuros e úmidos: é o *Troglophalurus translucidus*. Tem 3,8 centímetros de comprimento e é translúcido, como o próprio nome indica. A carapaça é tão despigmentada que, posto contra a luz, podem-se ver sua musculatura e as vísceras. “É um novo gênero, uma nova espécie e o primeiro caso confirmado de escorpião troglóbico (cavernícola) no Brasil”, afirma Wilson

Lourenço, especialista em escorpiões do Museu Nacional de História Natural de Paris. Até agora foram identificados apenas 15 escorpiões troglóbicos no mundo, dos quais 12 no México. A

espécie brasileira foi encontrada na gruta do Lapão, em Lençóis, na Bahia. “Provavelmente, esse escorpião vivia em cavidades entre blocos de rochas sobre um rio subterrâneo”, diz Alessandro

Giupponi, que assina com Lourenço um artigo na *Current Research Biology* com a descrição desse animal. O *T. translucidus* apresenta algumas adaptações que o habilitam a sobreviver nas cavernas, como a perda de pigmentação, o corpo achatado, as pernas e os pedipalpos bastante alongados e pêlos sensitivos, que facilitam a captura de insetos. Das 1.500 a 1.600 espécies conhecidas de escorpiões, o Brasil abriga 120, das quais pelo menos cinco podem causar acidentes fatais. •

PAULO MÁRCIO SANTOS DA COSTA/MUSEU NACIONAL



Habitante das cavernas: pernas longas e pêlos sensitivos